

Fofoca

"Trabalho num restaurante com outros brasileiros. No começo achava isso bom, mas agora não acho mais. O problema é que a fofoca corre solta: a gente sabe quem saiu com quem, quem está com dificuldade financeira, quem falou mal de quem. Estou seriamente pensando em mudar de emprego e trabalhar com americanos, pois não conheço americano fofoqueiro. O que você acha, estou exagerando?"

– Vera, San Francisco

Já me dizia um amigo colombiano, também psicólogo, que fofoca tem uma “função protetora”: ela protege porque avacalha com qualquer segredo. Para esse meu amigo, a fofoca serve de antídoto contra opressões que possam estar sendo guardadas à sete chaves como, por exemplo, a violência doméstica, o maltrato infantil, o alcoolismo, o incesto, e outras tantas questões seríssimas que podem ocorrer nas “melhores famílias”.

Considerando esse aspecto da fofoca, concordo com o meu amigo colombiano. Faz sentido. Mas a fofoca também tem consequências negativas na vida das pessoas. Ela enfraquece a idéia de que se pode confiar numa outra pessoa. Talvez o grande sentido negativo da fofoca venha da intenção maliciosa de alguns em criar boatos, denegrir a imagem alheia, ou desfazer relacionamentos. Mas será que toda fofoca tem esse aspecto? E o fofoqueiro, é sempre malicioso ou descuidado? Vamos pensar nisso antes de você largar o seu emprego.

Imagino que um dos aspectos centrais da fofoca seja a curiosidade em saber o que está se passando na vida alheia. E por que as pessoas têm essa curiosidade? Não digo que *todos* a tenham, ou que a tenham no mesmo nível. Mas você já percebeu, por exemplo, que quando há um acidente na estrada muitos motoristas diminuem a velocidade dos seus carros para ver o que aconteceu? Essa curiosidade humana sobre o que se passa com os outros em momentos peculiares – sejam tragédias ou grandes acontecimentos – é muito natural. Crianças fazem isso o tempo todo: aprendem coisas sobre o mundo e sobre si mesmas através da observação.

Muitas vezes você só pensa num determinado assunto quando sabe que alguém está passando por ele: ser evacuado de casa por causa de um furacão, ganhar na loteria, ou ter que lidar com uma doença terminal são bons exemplos disso. Como seria a minha vida se isso acontecesse comigo? Como eu reagiria? O questionamento, em si, é um processo saudável. O problema da fofoca me parece ser quando esse questionamento é cercado por más intenções, críticas, desrespeito e descaso com a vida do outro. A situação do “outro” fica banalizada e ele vira um objeto, pois não é ele que revela a sua estória, e sim o boato – que, aliás, deve ter sido distorcido, como um bom telefone-sem-fio.

Você não está gostando de trabalhar lá no seu restaurante, não é: não tem privacidade e não se sente segura. Além disso, você não gosta de ficar sabendo *tanto* da vida alheia. Você perguntou se está exagerando: acho que não, tudo isso é compreensível. Não sei se a fofoca que “corre solta” é intencionalmente maliciosa, ou não, mas a grande pista para resolver o seu mistério pode estar em você mesma, Vera, não na fofoca: *você não se sente bem com ela*. Ela é desagradável para você, traz insegurança, frustração. Algo dentro de você sôa o alerta toda vez que outras pessoas ultrapassam aquela linhazinha invisível do seu espaço pessoal.

Quando essa linha é ultrapassada, as pessoas sentem aquele friozinho na nuca, ou aquela sensação de incômodo. Esses são sinais intuitivos que você não deveria minimizar nunca: algo em você “diz” que não foi legal o que você acabou de escutar, mesmo que não tenha sido nada alarmante, e mesmo que você ainda não saiba muito bem o que foi que não caiu bem. Ou seja, apitou o alerta do desconforto, tente dar atenção a ele. Vera, se trabalhar nesse restaurante não for mesmo uma boa opção para você, mude de emprego. Mas antes, eu sugiro que você, pelo menos, pense em algumas outras alternativas: já pensou como seria se você comunicasse aos outros que não se interessa por fofoca? E como é que a gente comunica isso? Bom, pode ser verbalmente, ou não.

Dependendo da situação – vamos supor, quando três pessoas começarem a falar sobre coisas íntimas da vida alheia – você pode simplesmente se retirar, ou mostrar que está interessada em outra coisa, sem grosseria. Se você decidir impôr limites verbalmente, isso também pode ser feito sem grosseria: “Olha, fulano, essa coisa de conversar sobre a vida dos outros não tem caído muito bem comigo; vamos falar de outra coisa, que tal?” Há muitas maneiras de se expressar, e a minha intenção aqui é que você use a *sua*, com o *seu* estilo, a *sua* marca registrada. Se ainda não desenvolveu essa marca registrada, imagine a situação e pratique o que você diria quantas vezes for necessário até que isso se torne um ato automático.

Poder dizer para os seus conhecidos que um tipo de papo (a fofoca) não lhe agrada (mesmo que já tenha lhe agradado no passado) é importante para o seu próprio bem estar emocional. Viver num ambiente onde não podemos expressar as nossas convicções pode ser muito sufocante. E se as suas convicções forem não falar mal gratuitamente, não se intrometer na vida alheia e não fazer intrigas é importante que você as comunique, sim – em português e em inglês, para os não-brasileiros.

Se você tentar não participar da fofoca é bem provável que você vá se sentir satisfeita no seu trabalho atual. Mas se não der certo, pelo menos você tentou; então faz sentido procurar outro emprego. Lembre-se: fofoca ocorre em todo lugar, não só em restaurante brasileiro. Embora a cultura americana reforce a noção das “boundaries” (o limite pessoal que se entende como seguro, “safe,” e

que não deve ser invadido), você vai encontrar americanos com “poor boundaries”. Assim como brasileiros, mexicanos, chineses, e por aí vai.

Pessoas com “poor boundaries” tendem a ser intrusas, não têm noção de como se aproximar e distanciar dos outros com flexibilidade, não têm muita compreensão do “espaço” alheio. Porque você não conhece um americano fofoqueiro, Vera, isso não significa que eles não façam fofoca. Nesse caso – mas só nesse caso, por você ter se baseado numa generalização – você exagerou.

Esta coluna não tem a intenção de substituir um contato terapêutico profissional. Ela foi criada como ponto de partida para discussões psicológicas e comportamentais. Mandem suas perguntas para o Cantinho do Divã através do e-mail: jacquelinemft@hotmail.com

© Jacqueline Bonelli Smith, MFT 2006